“Livres para Voar”: O Museu Nacional do Rio de Janeiro nas Imagens e Palavras de uma Professora e seus Alunos do Ensino Médio

("Free to Fly": The National Museum of Rio de Janeiro on Images and Words of a Teacher and yours High School Students)

VINÍCIUS DOS SANTOS MORAES e MARISE BASSO AMARAL

Universidade Federal Fluminense (vinicius_smoraes@hotmail.com,
marisebassoamaral@gmail.com)

Resumo. A importância dos espaços não formais como meio de divulgação e ambientes educativos é ressaltada e defendida por inúmeros autores. Entretanto, pouco se discute sobre as experiências estéticas vividas em tais espaços. Experiências essas que podem ser definidas como encontros, como vivências que em muito podem auxiliar na produção de saberes. Poderia a fotografia nos revelar tais experiências? Ou mesmo nos mostrar como se dá a relação com aquele espaço? No intuito de obter algumas respostas, buscamos observar como é a relação dos alunos(as) do Ensino Médio com o Museu Nacional do Rio de Janeiro através de fotografias e legendas produzidas por eles(as) e sua professora de biologia. Destacamos o cuidado estético ao produzir tais imagens e sua relação de descoberta com o espaço. A professora, ao contrário, tem a preocupação de inserir seus estudantes naquele espaço. Assim, são eles(as) os mais retratados em suas fotografias. A fotografia se mostrou um bom instrumento de análise e discussão das vivências obtidas em espaços não formais, assim como uma ponte entre esses ambientes e o espaço escolar.

Abstract. The importance of non-formal spaces like disclosure and educational environments are defended for numerous authors. However, there is little discussion about the aesthetic experience in such spaces. These experiences can be defined as meetings that much can assist in the production of knowledge. Could photography reveal such experiences? Could photography also show us how the relationship with that space happens? Trying to find some answers, we observed the relationship of high school students along their biology teacher with the National Museum of Rio de Janeiro through the images produced by them in the museum. We highlight the aesthetic care of the students in the production of such images and their relationship with the museum space is full of discovery, re-interpretations and different ways of seeing. The teacher, in contrast, is concerned to insert the students in that space. Never the less, they are the ones most portrayed in her photographs. The photograph showed a good instrument for analysis and discussion of experiences obtained in non-formal spaces as well as a bridge between these environments and the school environment.

Palavras-chave: espaços não formais, experiência estética, fotografia, museu, espaços formais

Keywords: non-formal spaces, aesthetic experience, photography, museum, formal spaces

Asas de borboleta

“Asas de Borboleta” foi o título utilizado por Cecília Meireles em sua coluna “Página de Educação” para o jornal *O Diário de Notícias* em fevereiro de 1932. Nesse texto, a escritora criticava o sacrifício desnecessário de tais animais, em especial para composições artísticas, já que na época um quadro fora enviado para Pio XI composto somente dessas asas. A crítica também foi estendida para seu uso nos ambientes de museus. Segundo ela, “*uma borboleta é um vôo, uma cor. O cadáver dos museus não é nada disso*”.

O que podemos aprender ainda hoje com essa autora sobre a educação em Ciências e sobre os Museus de Ciências? Embora tenhamos caminhado muito na

direção de um ensino de ciências menos cientificista, menos dogmático, menos pleno de conceitos e certezas absolutas, será que conseguimos incorporar em nossas aulas que “uma borboleta é um voo, uma cor...”? Ao mesmo tempo, cabe destacar que os museus de ciências tem também percorrido um longo caminho na direção de reformular suas propostas, de rever suas políticas de produção de conhecimento e de comunicação com o público. Nesse caminho, embora entendendo a crítica da autora em relação aos museus, as coleções biológicas continuam a ocupar um lugar de destaque, se constituindo em um acervo de importância científica, pois são fontes de informação, testemunho da biodiversidade e herança cultural (ZAHER; YOUNG, 2003; MARINONI; PEIXOTO, 2010). As coleções, assim como os museus e espaços de ciências têm sua importância no processo de educação e de divulgação das ciências (BRAGANÇA GIL, 1988; MARANDINO, 2009).

Um ponto que pouco se discute sobre esses espaços é a experiência estética vivida em tais locais. Por experiência estética, podemos definir, segundo Ribeiro (2011), como um estado de espírito, uma maneira de ver, ouvir ou tocar o mundo em qualquer instância. Krastrup (2010) também discute sobre o tema e nos revela um olhar ainda mais íntimo sobre o mesmo tomando como base falas de Gilles Deleuze (1997), onde podemos resumir estas experiências em encontros. Segundo notas de Krastrup, Deleuze ao ir a tais espaços tem a expectativa de encontros, experiências e aprendizagens, e não de informação e de um saber pronto para ser absorvido e consumido. Segundo ela ainda, Deleuze “*não procura estes espaços para ter cultura, e sim para se cultivar. Sua relação com a cultura e a arte não é para acumular saber, mas para cultivar uma forma especial de atenção*” (p. 38). Ou seja, é preciso que nesses espaços não se veja somente a borboleta, mas também o voo, a cor, o movimento...

Partindo dessa perspectiva, cabe-nos questionar: como podemos saber como foi essa experiência estética? Se sensações e sentimentos são, talvez, uma das coisas mais difíceis de serem faladas, expressadas, descritas, pois são únicas, íntimas e exclusivas, é possível que elas sejam investigadas ou retratadas já que são um estado de espírito?

A fotografia pode ser uma possível aliada para tal aventura. Segundo Aumont (1993), através de um modo epistêmico, *a imagem traz informações (visuais) sobre o mundo, que pode ser assim conhecido, inclusive em alguns aspectos não visuais* (p. 80). Sendo a fotografia uma forma de expressão, de arte ou uma forma de enxergar o mundo que permita a exploração visual do espaço e a apreensão do tempo vivido (TURAZZI,

2005; SCHNELL, 2011), talvez possa ser possível perceber, através dela, como se dá ou como ocorre a experiência estética dentro de um museu.

Fisher (2002) em seu texto levanta questionamentos importantes sobre o exercício de ver, os quais podemos trazer para o uso da fotografia e a análise de tais produções. Um deles é sobre a possibilidade de estudar imagens tendo como pressuposto que não extrairemos delas representações acabadas, mas antes possibilidades de significação, datadas e bem localizadas. A autora ainda defende, baseada também nos argumentos de Foucault (1986), que os produtos de mídia (para nós a fotografia) sejam investigados através de uma análise do discurso que busque observar práticas discursivas e não-discursivas. Em seu texto, Fisher (2002) ainda diz que *“os discursos são sempre práticas que efetivamente formam os objetos de que falam, e não se reduzem a um conjunto de “falas”, de imagens ou de textos que selecionamos para analisar”* (p. 84). Ou seja, os discursos são um reflexo de uma visão de mundo que é vinculado ao seu autor, ao seu contexto e ao seu modo de ver. Não poderiam então estas análises também nos revelar os processos de experimentação por esses alunos e alunas no museu?

Feitas essas breves considerações, pensamos ser produtivo lançar mão da fotografia, aos nos perguntar sobre os modos como os alunos, as alunas e sua professora percorrem, habitam, observam e experimentam um espaço diferente da sala de aula. Apostamos que o uso da fotografia pode ser uma das formas de retratar a relação existente entre expectador e espaço, revelando além de imagens, sentimentos, sensações e experimentações do sujeito que se coloca em movimento ao percorrer os múltiplos espaços de uma exposição museológica. Dessa forma, quem sabe, seja possível inventariar as muitas possibilidades desse sujeito enxergar, se integrar e se entregar a esses espaços.

Visitando o Museu

Uma das dificuldades enfrentadas também pelo professor, pela professora ou pelos agentes educativos nos dias de hoje é fazer o Museu ser algo atrativo ao seu público, em especial, os alunos e alunas do Ensino Básico. Esse processo sempre foi difícil para todos os envolvidos direta ou indiretamente com esses espaços. Entretanto hoje ganha contornos ainda mais delicados com as novas tecnologias e os produtos de mídia. Em função disso, muitos museus tem se preocupado com essas questões e estudado formas de se tornarem mais atrativos, incorporando novas abordagens na

organização de suas exposições e tornando-se mais interativos, em especial através do uso de tecnologias.

Ainda assim, há quem defenda que nesses espaços é difícil ensinar ou aprender ciências, e que por vezes visitas escolares a esses espaços podem ser contraproducentes (TRACHTMAN, 1981). Afinal, muitos já devem ter presenciado, em algum museu, crianças correndo por todos os cantos ou adolescentes entediados por terem que ler descrições gigantes de determinado objeto em exposição. Ao mesmo tempo, é possível pensar que esse posicionamento, em parte, pode ser resultado de uma perspectiva que escolariza por demais essa atividade e não investe na dimensão da experiência estética.

A partir dessas visões, um dos nossos desafios propostos foi observar como é a relação dos alunos e das alunas do Ensino Médio com o Museu Nacional do Rio de Janeiro. Criado em 1818 por Dom João VI esse museu é um importante espaço de ensino e pesquisa da cidade, com foco nas coleções zoológicas, além de importante cenário do processo histórico-político brasileiro. Com intuito de observar, principalmente, essa experiência estética, optamos por utilizar a fotografia como ferramenta de interlocução entre esse grupo e o museu. Nosso convite aos alunos, as alunas e à professora foi de construir outro tipo de registro do trabalho realizado no museu, o qual priorizasse a composição de um diário imagético da atividade, que além de ser um registro, pudesse, posteriormente, ser utilizado dentro do ambiente escolar.

O grupo escolhido para realizar este trabalho foi de estudantes do 1º Ano do Ensino Médio de uma escola estadual localizada no município de Niterói/RJ e a sua professora de biologia. Eles foram orientados a fotografar, ao longo da visita, aquilo que mais despertava sua atenção. Pedimos também que pensassem de que modo os registros por eles feitos poderiam compor e apresentar o Museu Nacional para os outros alunos e alunas da escola que não tiveram a oportunidade da visita. Nosso objetivo era realizar na escola uma exposição sobre o Museu, nas lentes dos alunos, das alunas e da professora. Ao pensar na organização dessa exposição nossa intenção era transformar a fotografia em um artefato que pudesse ser utilizado dentro do ambiente escolar para além de um meio de divulgação, mas um espaço concreto de invenção do vivido e de releitura dos espaços visitados.

A adesão, no início, entre os estudantes foi baixa, pois somente alguns registraram tais momentos. Alguns por desinteresse, outros por não possuírem, no momento, meio para tal. Os registros foram feitos de diferentes formas (celular ou câmeras fotográficas), de acordo com as possibilidades de cada um. E posteriormente,

esses arquivos digitais foram reunidos em um computador para que se pudesse mantê-los organizados e trabalhados com os alunos e as alunas.

Foram realizadas diferentes formas de trabalhar as fotografias e realizar suas análises. A primeira foi solicitar, para aqueles que tinham feito algum registro, que selecionassem 5 de suas fotografias e criassem legendas como se estivessem “postando” essas fotografias, de modo que pudessem expressar o porquê de retratar tais instalações ou o que diriam para quem estivesse vendo suas fotografias.

Apesar da baixa participação dos alunos e das alunas durante o registro das atividades, a quantidade de fotografias produzidas foi alta. Assim, num outro momento, selecionamos as que mais nos chamaram a atenção, seja pela frequência com que apareciam nos diferentes registros, pelo rigor estético ou por simples curiosidade, e trabalhamos com todo o grupo, mesmo aqueles que não tinham fotografado o Museu. Tais produções foram impressas em papel fotográfico e durante a atividade, foi solicitado ao grupo que escolhessem as imagens com as quais mais se identificavam e em seguida nos dissessem, através de registros escritos, o porquê de escolher cada uma e que legendas colocariam para descrevê-las.

Todo esse processo de seleção, de análise e criação de legendas nos permitiu, já num primeiro instante, realizar importantes observações sobre a produção, interpretação e formas de divulgação desses registros.

Primeiras impressões

Já de início, ao olhar sobre o material produzido pelo grupo nesse trabalho foi possível destacar algumas fotografias, ou melhor, algumas instalações do Museu que foram mais retratadas.

Sem dúvida, o borboletário artificial foi o item mais retratado ao longo do percurso por, praticamente, todos aqueles que fotografaram o Museu. A instalação de 6,5 metros de altura que representa o panapaná (o vôo sincronizado das borboletas) chama a atenção não somente pela sua grandiosidade, mas pelo encantamento que provocam. Cabe destacar que as borboletas em exposição, ao contrário daquelas criticadas por Cecília Meireles, são todas artificiais (de material plástico), mas conseguem dar conta de manter os signos que comumente conferimos a essas na natureza: beleza e leveza. Mesmo sabendo que elas não são ‘de verdade’, elas parecem ser, elas *funcionam como tal*. Enquanto que a tradicional apresentação em caixas de

vidro, cada qual com seu alfinete e seu número de identificação, nem tanto¹. Enfim, nessa instalação, o Museu Nacional consegue ensinar que “*uma borboleta é um vôo, uma cor...*” como ansiava Cecília Meireles em seu texto no início desse artigo. Mais ainda, no encontro do borboletário com os alunos, as alunas e sua professora percebemos se delinear os contornos de algo difícil de capturar e definir, daquilo que muitas vezes nos escapa, mas que diz respeito, justamente, da dimensão da experiência estética.

O fato de essa instalação estar posicionada na entrada da sessão de entomologia chama também atenção do visitante, como uma forma de boas vindas a esse misterioso e mágico mundo dos insetos. Ao observar as fotografias dessa obra (Figuras 1 a 4), vemos que o que captura o olhar dos alunos, das alunas e da professora é a beleza da cena. É possível notar também um rigor estético nas fotografias, pois elas não são feitas “de qualquer forma” e sim procurando realçar, ainda mais, as borboletas. Destacamos também algumas legendas produzidas pelo grupo para descrever tais fotografias, entre elas “Constelação de Borboletas”, “Voando em vida”, “#Fly_BorboletaS2” e “#ABelezaDaVida”². Acreditamos que esses são fortes indícios de uma experiência estética singular e importante para aqueles e aquelas que dela participaram, materializados no cuidado fotográfico e na produção textual revelados no trabalho. O encontro com esta obra despertou sentimentos de difícil descrição, mas sabemos que estão ali presentes. Esse sentimento é ainda mais presente na fotografia (Figura 4) e legenda criadas pela professora. Ela retrata a obra com seus alunos(as) ao fundo, mostrando sempre a preocupação em inseri-los(as) naquele contexto. Eles(as) olham o museu, ela olha para eles(as). Essa é a cena mais importante. Em suas fotografias, mais do que dos artefatos em exposição no museu, a professora fala da relação dela com seu grupo de estudantes. Ao fotografá-los com o borboletário ela constrói uma cena de rara beleza, que fala de juventude, de sonhos, de educação, de apostas... Com certeza de vôos e de cor. E como legenda ela escreve: “*Sejam livres para voar*”.

¹ Este tipo de produção também estava presente no Museu e fora bem menos retratado pelos alunos (as).

² Também foi solicitado que cada um ao produzir a legenda também criasse *hashtag's* para tais fotos visando atrair uma linguagem do mundo digital para dentro da sala de aula. E que pudessem ser uma ferramenta para a criação de uma exposição posteriormente na escola.

Figura 1 - Fotografia 1 do borboletário.

Fonte: Aluna do 1º Ano

Figura 2 - Fotografia 2 do borboletário.

Fonte: Aluna do 1º Ano

Figura 3 - Fotografia 3 do borboletário.

Fonte: Aluna do 1º Ano

Figura 4 - Fotografia 4 do borboletário, mostrando alguns dos alunos e alunas ao fundo.

Fonte: Professora

Vale dizer que esse cuidado estético também é observado em outras fotografias, em especial, naquelas que retratam uma Múmia Aymara (Figura 5). Esta peça, da região do Lago Titicaca, representa o processo de mumificação daquela cultura, onde o morto era vestido sentado com os joelhos junto ao queixo e amarrado. Em seguida era tecido um cesto que envolvia o corpo, deixando de fora apenas o rosto e as pontas dos pés. O formato alongado do crânio resulta de uma deformação proposital, prática comum entre os povos andinos, provavelmente realizada por razões estéticas ou religiosas, ou para sinalizar distinção (MUSEU NACIONAL, 2014). Em relação a essa peça, vemos que há um processo de ressignificação da mesma por parte de alguns, onde não conseguem associá-la a um ser humano, alguém que existiu concretamente em um tempo distante e que passou por um processo de conservação de seu corpo. E isso se confirma ao observamos como eles(as) se referem a essa obra, através de legendas como “Monster”, “#Bicho_Papão”, “#Bizarro”. Entretanto, alguns conseguem fazer tal associação, no qual a descrevem como “#Enroladinho” ou “Passou bastante tempo e você continua o mesmo (a)”. Indicando que, para alguns, houve sim produção de saberes e conteúdos

específicos naquele local. Na última legenda, há ainda o cuidado de não designar o gênero de tal pessoa, reforçando sua associação com um indivíduo que foi vivo um dia.

Figura 5 - Fotografias da Múmia Aymara de diferentes alunas.

Fonte: Alunas do 1º Ano

Essa ressignificação também se apresenta em outros ambientes do Museu, entretanto de forma menos evidente. Uma lhama empalhada foi também item recorrente nas fotografias e muitos a citavam como um camelo em suas falas. Entretanto, houve pouca produção textual para descrevê-la, onde somente uma aluna a classificou como “#Camelo_Doidão”. Esse fato nos traz outro desafio deste trabalho. Muitas fotografias não foram descritas ou “nomeadas”, e em algumas, quando isso acontecia, era de modo muito simplório com legendas como “Pinguim” (para retratar o mesmo) ou então situações como “legal” ou “;D”. Esse fato, numa análise apressada poderia ser entendido como um descaso ou uma falta de compromisso dos alunos e das alunas com o trabalho. Porém, acreditamos que isso diz muito mais de expectativas equivocadas e das próprias armadilhas que o trabalho nos apresentou. Como solicitar registros, como encaminhar uma tarefa sem “escolarizá-la” por demais? E se nas legendas produzidas pelo grupo apresentassem explicações científicas sobre os objetos registrados, poderíamos aí sim dizer com tranquilidade que eles entenderam, aprenderam e produziram conhecimento?

Uma das aprendizagens desse trabalho, talvez tenha sido também pensar que a experiência vivida e registrada em imagens não necessite ou não possa ser feita através de palavras, onde somente a sensação ou somente a fotografia já bastam. Não é preciso verbalizar a sensação de ver pela primeira vez uma lhama, mesmo que não se saiba que é uma. E nesses casos, o máximo que pode ser dito é um “legal”.

Outras impressões e outros olhares

Vale destacar algumas situações interessantes observadas. Uma delas se refere a visões “divertidas” desse grupo para alguns pontos da visitação. Muitos alunos e muitas alunas, como era de se esperar retrataram os fósseis e réplicas de dinossauros presentes no Museu (Figuras 6 e 7), principalmente, aquelas gigantes presentes nos salões principais, nisso também incluímos a professora. Nas imagens produzidas observamos mais uma vez um certo cuidado estético. E de fato chama atenção esqueletos enormes de criaturas que fazem parte da nossa imaginação. Entretanto, pouca produção textual foi observada sobre tais peças, talvez por estarem assustados pela grandiosidade de tais animais. “#OOHOOR Dinossauro” foi uma das poucas produções observadas, que retrata a Figura 7. Ficamos intrigados com tal legenda e ao questionar a aluna sobre tal descrição, na dúvida sobre se tratar de uma nova gíria desconhecida até então por nós, ela responde simplesmente: “*Não professor, OOHOOR é o barulho que o dinossauro faz, tipo gritando*”. A interessante legenda e sua resposta sobre ela mostram como esses alunos e alunas produzem outros significados e fazem associações particulares para alguns objetos. Colocar como legenda um som, principalmente por se tratar de um esqueleto, também nos fez pensar, mais uma vez, nas expectativas um tanto ingênuas que tínhamos em relação às legendas que os alunos e as alunas produziriam (explicações “didáticas” e “científicas” que eles supostamente construiriam).

Figura 6 - Fotografia 1 de esqueleto de dinossauro.

Fonte: Aluna do 1º Ano

Figura 7 - Fotografia 2 de esqueleto de dinossauro.

Fonte: Aluna do 1º Ano

Outra visão importante que devemos destacar diz respeito sobre como estes alunos e alunas se enxergam e se retratam. Ao contrário do que era esperado, não observamos um grande número de *selfies* nesse ambiente. De fato, ele só foi registrado uma vez (Figura 8) e as produções fotográficas nas quais os próprios alunos(as) aparecem é bastante pequena. O que nos leva a questionar os motivos para tal ausência, em especial, numa era da auto-retratação tão intensa. O fato de se retratar em determinado ambiente não é novo, é comum observarmos fotografias de locais onde visitamos, como uma forma de registro daquele momento. Isso, nos dias atuais, ganhou uma enorme proporção, em especial pelas facilidades de serem realizadas. Algumas suposições podem ser feitas sobre este acontecimento ou sobre a ausência desse acontecimento e que devem ser investigadas mais a fundo. Teriam os alunos e as alunas um respeito pelo ambiente do Museu, o que não lhes permitia fazer tal fotografia? Esse respeito parte deles(as) como forma de demonstrar a importância do espaço ou isso é algo imposto pelo próprio Museu, local onde não se pode falar, tocar, correr? Estariam eles(as) tão imersos naquele espaço que “esqueceram” ou que não se importam em se retratar naquele local? Ou seria o Museu também um ambiente “educacional” o que faz com que desassociem as suas práticas cotidianas, passando assim, a achar que ali não é local de *selfie*? Sabemos e observamos, em muitos casos, que a escola é um local de *selfie*. Entretanto, estes e outros questionamentos foram alguns dos desafios que percebemos ao longo desta pesquisa e que nos impulsionam a continuar por tal caminho.

Revelação inversa é observada quando olhamos para as fotografias produzidas pela professora. Como já apresentado, nessas produções, seus alunos e alunas são “obras” recorrentes e o espaço é o pano de fundo para isso (Figuras 4, 9 e 10). Fica claro nas fotografias, que para a professora a exposição mais importante é a produzida pela interação do seu grupo de estudantes com aquele espaço particular. Seu olhar sobre essa interação é um olhar cheio de cuidados, de orgulho, de apostas. Suas imagens nos falam dos encontros referidos no início do texto a partir de Krastrup (2010), encontros entre educação, produção de conhecimentos e experiência estética.

Figura 8 - *Selfie* realizada pelas alunas dentro do Museu.

Fonte: Aluna do 1º Ano

Figura 9: Fotografia dos alunos com esqueleto de dinossauro. Cuja legenda diz “*Quem não gostaria de ver um dinossauro!?*”

Fonte: Professora

Figura 10 - Fotografia da professora com os alunos no Museu.

Fonte: Professora

O que não foi revelado

As palavras “erros” e “acertos” talvez não sejam as mais corretas de serem utilizadas para as situações deste trabalho, em especial, pelo fato de ser defendido, em diversos momentos, que algumas experiências são únicas e cada um (a) a enxerga ao seu modo. Cabe-nos fazer um apontamento final bastante importante que observamos neste trabalho, no qual se refere ao uso de mídias digitais. Por mais surpreendente que seja, observamos certa resistência por parte dos estudantes e das estudantes ao inserir este meio na sala de aula. O objetivo de tal proposta era justamente trazer o mundo dos(as) alunos(as) “para a conversa”. Tentamos realizar a criação de um *Instagram* com as fotos dos alunos, buscando tornar este meio um espaço para divulgar e compartilhar suas vivências no Museu. Entretanto a participação não foi como a esperada. Talvez, esse ambiente digital ainda não seja, para os alunos, algo que se associe à educação ou ao ambiente escolar, como o que (não) foi visto com relação às *selfies*. Isso se reforça, quando observamos que a atuação do grupo se intensificou ao verem as fotografias impressas, tanto no trabalho feito com elas como na exposição dos painéis produzidos para divulgar, na escola, este momento. Era nítido o brilho nos olhos de alguns ao se verem nas fotografias da professora ou ao reconhecerem seus colegas nelas. A produção

de legendas para tais fotografias sempre fazia alusão à amizade e ao convívio social. Mostrando-nos que o espaço informal é espaço de encontros sim, e mais do que esperávamos, encontros entre amigos.

Neste ponto, fica ainda o desafio de tentar trazer estas mídias para escola (claro que esta já está neste ambiente). Talvez, o que precise ser feito é tornar este processo mais orgânico, uma produção que parta dos alunos(as) e que seja feita por eles(as).

Considerações finais

Como nota final deste trabalho, gostaríamos de destacar outra legenda da professora que resume bem as análises deste trabalho (Figura 9), onde a mesma escreve: “*Quem não gostaria de ver um dinossauro!?!’*”. Os espaços não formais são reconhecidos pela sua importância e foram fortemente defendidos ao longo deste texto, nas suas diferentes perspectivas. A fotografia mostrou-se um bom objeto para revelar a visão dos alunos e das alunas acerca desses espaços e, principalmente, como eles e elas enxergam e vivenciam tais locais. Além de uma possível “ponte” entre o museu e a escola. Levar tais fotografias para a sala de aula pode gerar discussões maiores e mais “interessantes” permitindo aos participantes, mais uma vez, reorganizar a experiência vivida e reconstruir alguns sentidos para a mesma.

Para além disso, esta frase sinaliza a importância de *estar lá*, de se colocar em movimento, de percorrer o museu e de viver encontros inusitados no caminho. O fato de estar em um ambiente de Museu, por si só, já é um momento único para aqueles(as) estudantes. Muitos(as) não conheciam o espaço onde o Museu está inserido (Quinta da Boa Vista), se quer, tinham se deslocado para tal região da cidade anteriormente. Isso é muito maior do que saber como se dá o processo de mumificação de determinada tribo. Conhecer uma lhama é, sem dúvida, uma experiência mágica e um encontro que ficará marcado na vida deles(as). Até por que, agora, sabem o que é uma lhama. O ambiente de Museu é um espaço que permite essas pequenas e simples vivências, e como já disse Deleuze *apud* Kastrup (2010) pequenos encontros, esperados ou não, mas que são marcantes para toda a vida.

Novamente, e para finalizar este texto, Cecília Meireles vem nos brindar com um poema que simboliza essa leveza e beleza dos pequenos detalhes da vida. Pequenas borboletas, livres, vivas e prontas para voar.

No mistério do sem-fim

“No mistério do sem-fim
equilibra-se um planeta.
E no planeta um jardim,
e no jardim, um canteiro;
no canteiro, uma violeta,
e sobre ela, o dia inteiro,
entre o planeta e o sem-fim,
a asa de uma borboleta.”

Cecília Meireles

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer imensamente pelo apoio e participação da professora envolvida no projeto Rosângela Araújo da Costa. Assim como todos os alunos e alunas que contribuíram para a construção deste trabalho. Seus olhares, suas falas, suas produções e os momentos vivenciados dentro e fora da sala de aula, foram especiais para nós também. Também gostaríamos de agradecer ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência que proporcionou tal projeto, fornecendo apoio financeiro para aquisição de itens essenciais ao trabalho e bolsas a alguns alunos envolvidos. A esses alunos, nosso também muito obrigado.

Referências

AUMONT, J. *A imagem*. Tradução: Estrela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro. Campinas: Papirus, 1993.

BRAGANÇA GIL, F. Museus de ciência: preparação do futuro, memória do passado. *Revista de Cultura Científica*, n. 3, p. 72-89, 1988.

DELEUZE, G. *L'Abécédaire de Gilles Deleuze*. Entrevistas com Claire Parnet. Realização de P.-A. Boutang. Paris: Éd. Montparnasse/Liberation, 1997.

FISHER, R. M. B. Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação. *Revista Brasileira de Educação*, n. 20, p. 83-94, 2002.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

KASTRUP, V. Experiência Estética para uma Aprendizagem Inventiva: notas sobre a acessibilidade de pessoas cegas a museus. *Informática na Educação: teoria & prática*, v.13, n.2, p. 38-45, 2010.

MARANDINO, M. Museus de Ciências, Coleções e Educação: relações necessárias. *Revista Museologia e Patrimônio*, v.2, n.2, p. 1-12, 2009.

MARINONI, L.; PEIXOTO, A. L. As coleções biológicas como fonte dinâmica e permanente de conhecimento sobre a biodiversidade. *Ciência e Cultura*, v.62, n.3, p. 54-57, 2010.

MUSEU NACIONAL. Múmia Aymara de indivíduo do sexo masculino. 2013. Disponível em: <<http://www.museunacional.ufrj.br/exposicoes/arqueologia/mumia-aymara-de-individuo-do-sexo-masculino>> Último Acesso em: 15 de Nov. 2014.

RIBEIRO, K. P. A experiência estética em pontos de cultura. In: I ENCONTRO FUNARTE DE POLÍTICAS PARA AS ARTES. RIO DE JANEIRO, 2011. Disponível em: < <http://www.funarte.gov.br/encontro/wp-content/uploads/2011/08/karla-texto-encontro-politicas-funarte.pdf> >. Último acesso em: 10 nov. 2014.

SCHNELL, R. O uso da fotografia em sala de aula. Palmeira: espaço urbano, econômico e sociabilidades – a fotografia como fonte para a história – 1905 a 1970. p. 1-37, 2011. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/5-4.pdf>>. Último acesso em: 10 nov. 2014.

TRACHTMAN, L. H. The public understanding of science effort: a critique. *Science Technology & Human Values*, n. 6, p. 10-15, 1981.

TURAZZI, M. I. *História e o ensino da fotografia*. São Paulo: Moderna, 2005.

ZAHER, H e YOUNG, P. As coleções zoológicas brasileiras: panorama e desafios. *Ciência e Cultura*, v. 55, n. 3, p 24-26, 2003.

VINÍCIUS DOS SANTOS MORAES. Graduado em Ciências Biológicas ênfase Biologia Marinha pela Universidade Federal Fluminense - UFF (2008) e mestre em Geologia e Geofísica Marinha pelo Programa de Pós-Graduação em Geologia e Geofísica Marinha – Lagamar/UFF (2014). Licenciado pela Universidade Federal Fluminense (2014) e bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

MARISE BASSO AMARAL. É Licenciada em ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com mestrado e doutorado em educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação dessa mesma instituição (PPG-EDU/UFRGS). Atualmente é professora adjunta na Universidade Federal Fluminense (UFF), na Faculdade de Educação, no departamento Sociedade, Educação e Conhecimento (SSE). Trabalha as disciplinas de Pesquisa e Prática de Ensino oferecida aos licenciandos em Ciências Biológicas, participa do grupo de pesquisa Currículo, Docência e Cultura (

CDC) e no momento é coordenadora do Sub-projeto Biologia junto ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

Recebido: 30 de novembro de 2014

Revisado: 09 de março de 2015

Aceito: 03 de abril de 2015